

A silhouette of a woman in profile, facing right, holding a single rose. The background is a gradient from dark purple at the top to light beige at the bottom. The text is overlaid on the upper portion of the image.

ÓPERA INTITULADA SEMIRAMIS EM BABILÓNIA

Alexandre António de Lima



CATOLICA
CECC - CENTRO DE ESTUDOS
DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Transcrição e Introdução de Isabel Pinto
Data: Janeiro 2016
ISBN: 978-989-99288-1-7

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Faculdade de Ciências Humanas – UCP
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

Lima, Alexandre António de, *Ópera Intitulada Semiramis em Babilónia*, cópia de António José de Oliveira, 1784 [BNP, COD. 1386//1]. Disponível, através do Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, em <http://purl.pt/23990/3/#/0>.

SOBRE O TEXTO:

A cópia manuscrita de António José de Oliveira que agora editamos data do ano de 1784, e assume-se como um texto limpo, sem rasuras e apenas com pontuais emendas, discretamente assinaladas. Contudo, a digitalização não apresenta folha de rosto, com a respectiva listagem das personagens. Considerando a totalidade da colecção de teatro em que se insere, este manuscrito inscreve-se na década de apogeu do escriba, ao longo da qual persistentemente exhibe maior domínio da técnica de escrita e dos procedimentos a ela inerentes. Em relação ao texto propriamente dito, procede de um filão firmado, ao que sabemos, por António José da Silva, que entre 1733 e 1738, animou o palco do Teatro do Bairro Alto com as suas óperas de bonecos. Alexandre António de Lima (1699-1760), seu autor, segundo o testemunho de Diogo Barbosa Machado, foi também ele, à época, admirado e reconhecido pelos seus méritos literários, os quais incidiam, sobretudo, sobre o teatro e a poesia. *Semiramis em Babilónia* foi, pois, representada em 1741, igualmente no Teatro do Bairro Alto, e publicada em 1746, numa colectânea intitulada *Óperas Portuguesas*. Em termos de intriga, retoma a narrativa histórica em torno da rainha da Assíria, Semiramis, bastante em voga no século dezoito, ponteando como referência o original de Pietro Metastasio, *La Semiramide Riconosciuta* e a tragédia de Voltaire. Todavia, os factos históricos relativos a Semiramis, de acordo com fontes primárias como a obra de Heródoto de Halicarnasso e a de Diodoro Sículo, são aqui amplamente subvertidos. A título de exemplo, Nino deixa de ser o falecido esposo para passar a ser o filho, e quanto a reinar, nesta versão, tal só acontece por um dia. Semiramis perde protagonismo na ópera de Alexandre António de Lima, e, assim, se diluí em muitas vertentes que o registo de um espectáculo popular deixa propositadamente no vago: ela é guerreira na capacidade bélica e no desejo de poder; feminina quanto ao, discutível, conhecimento que revela da alma das mulheres, e mãe extremosa no afecto constante que dedica ao filho, Nino. Entre o âmbito político da temática da legitimidade do poder e as implicações socioculturais de uma recorrente evocação da morte como escudo da honra e dignidade, esta peça alimenta a ilusão de um final feliz para uma sociedade que se revê no iluminismo do seu representante máximo.

ALEXANDRE ANTÓNIO DE LIMA
[ÓPERA INTITULADA *SEMIRAMIS EM BABILÓNIA*]
(1784)

[ÓPERA INTITULADA *SEMIRAMIS EM BABILÓNIA*]

ACTO 1.º [1]

CENA 1.ª

Campina rasa semeada de cadáveres. Carros de mato quebrados, tendas de campanha caídas. Cidade de Babilónia ao longe, com o rio Eufrates. E estará em hábito guerreiro a rainha SEMIRAMIS, com a espada na mão, seguida de soldados, atrás el-rei ÁTALO; ZUMIRA e IDASPE prisioneiros; e ARBACE solto.

SEMIRAMIS: Heróis valentes, já é nosso o campo. Ao brilhante raio da minha espada se deve a vitória. Não vos deem sustos as inimigas tropas e as contrárias fileiras. Já delas meu braço triunfou, já Assíria livre se vê.

REI: Oh, minha esposa, oh, glória minha, e minha libertadora, mais te devo que a vida na liberdade, pois aquela sem esta pouco ou nada se estima.

SEMIRAMIS: Átalo, rei, esposo meu, em ti grilhões?! De teus pés passarão hoje aos desses vencidos.

REI: Não, Semiramis, não. Já que venceu o teu braço, vença também o teu peito: menos generoso não faça o teu ânimo a vingança [1v] da minha injúria, que tanto mais te vingas quanto mais perdoas.

IDASPE: Não percas o costume da tua crueldade. Sai, que eu não sou somente o general dos Bactros; em mim também vês de el-rei dos Medos, que às tuas mãos rendeu a vida, o único de sete filhos que ao teu furor reservou dos deuses a piedade. Este que falta de acabar agora o podes fazer. Só com Zumira não sejas cruel, e baste para seu tormento a lembrança do nobre sangue que há pouco em seu pai derramaste.

ZUMIRA: Não, Idaspe, não rogues por mim. Piedade não busca quem só a morte deseja: liga a filha ò infeliz destino do pai.

REI: Princesa, ainda nos meus pés sustento o peso dos grilhões. Não imagines finjo em mim a piedade para que execute em ti o martírio. Teu pai, sim, morreu às minhas mãos, mas da mesma sorte que eu podia acabar às suas. Os efeitos da guerra dá-os a fortuna e não o valor. Não me gloreio do golpe, antes lamento o estrago. Nestes braços, como amigo, o recebi moribundo. Neles me disse «Já que ficas vencedor, salva-me a filha; seja brasão da tua glória o favor do seu amparo». Em mim, [2] lhe disse eu, teria o amor de pai que em ti lhe roubou a fortuna. «Será não minha escrava mas de meu filho esposa». Pede-me juramento da palavra, dou-lho com a promessa e espira contente.

ZUMIRA: Se o amor de Zoroastro assim o queria, o meu o não quer. Depois da sua morte, não pode, não pode haver para mim alívio, nem esposo. Tu, com te mostrares benigno vencedor, podes fazer o meu ódio justo, mas não menos grande. Tirou-me com a vitória o céu a vingança, esta só queria. Vê, agora, ó rei, se temo a morte. Os meus pensamentos te descubro por que mais te irrite.

SEMIRAMIS: Basta, põe já freio à tua ira. (A Átalo) E tu o vem pôr ao furor dos Assírios guerreiros.

REI: Vamos, e seja maior o dia no cumprimento do prometido. Quero que se vinculem os aplausos da vitória aos desposórios de Nino. Hoje, esposa, te festeja toda a Assíria, e já que por ti se vê livre, por ti seja alegre. (Vai-se.)

SEMIRAMIS: Arbace, a Babilónia manda dar a notícia do triunfo, e, entretanto, a Nino conduze. Esses prisioneiros no palácio fiquem, e depois nos busca. [2v]

ARBACE: Irei a obedecer aos vossos preceitos e dar notícia das vossas glórias. (Vai-se.)

ÁRIA

SEMIRAMIS: Se um espírito elevado

‘inda em sexo menos forte
nunca teme a dura morte
nem a triunfos aspirar.

O meu peito em que se alenta
de Mavorte o furibundo,
com valor, a todo o mundo

‘inda espera conquistar. (Vai-se.)

ZUMIRA: Quanto variou sobre nossas armas a fortuna! Morreu meu pai e, tu, ao matador vences e prendes; e quando do bárbaro rei e soberba rainha entendíamos que tomávamos a justa vingança, reduzindo com ferro e fogo a lastimoso estrago todo o campo, então nos tira a fortuna outra vez a vitória das mãos e nos tece os grilhões para os pés.

IDASPE: As minhas prisões me não lastimam, só as tuas me atormentam. Mas para que é temê-las, se eu terei o martírio e tu terás o esposo?

ZUMIRA: Não me acrescentes a dor, e lembre-te só que te amei. Mas, tu, quem me assegura de distante dos meus [3] olhos serás constante quanto eu serei fiel. Ah, que esta triste dúvida me fará a escravidão mais penosa.

IDASPE: Com essa dúvida, ofendes a minha constância.

ÁRIA

Sabe, amor, que nem o fado
nem o infausto da ventura
de adorar tal formosura
nunca me hão-de apartar.
Firme amante hei-de seguir
esse assombro de beleza

e o exemplo da firmeza
no meu peito hás-de achar. (Vão-se.)

CENA 2.^a

Aposentos reais.

Saem Nino e Vesugo.

NINO: Certa é já a vitória.

VESUGO: Será, mas eu ainda me não dou por seguro.

NINO: É escusado o temor.

VESUGO: Eu, sim, o escusara, mas ele é o que se mete comigo.

NINO: Ao primeiro e repentino assalto que, entre as sombras da noite, lhe deu o nosso campo fugiram os Bactros.

VESUGO: Isso foi estremunhados com o sono.

NINO: Eu o vi, ao romper da alva, do alto dessa [3v] torre.

VESUGO: Também eu, ainda que a essas horas estava a roncar.

NINO: Já é vão o temor.

VESUGO: Em mim ainda não é vão, porque me apanhou muito em cheio.

NINO: Espalhe-se pela cidade o alegre aviso e torne a nós a esperança.

VESUGO: Queira Baco não venha em seu lugar a caridade.

NINO: Acabe no povo o susto e sossegue a paz no reino.

VESUGO: Sim, senhor, paz e mais paz, que isto de guerras não gosto.

NINO: Sempre hás-de de ser cobarde?!

VESUGO: Olhe, vossa alteza, assim será, mas ambos vimos os touros de palanque.

NINO: O preceito de minha mãe me enclaustrou.

VESUGO: E o medo da minha cabeça me perdeu. Mas aí vem.

NINO: Vê quem é, Vesugo.

VESUGO: É o senhor Arbaça.

NINO: Arbace!

Sai ARBACE, ZUMIRA, IDASPE e FANECA.

ARBACE: Por mim, oh, príncipe, falem hoje estes [4] grandes despojos.

NINO: Como?!

ARBACE: Venceu, ó Nino, aquela heróica mãe que o céu vos concedeu, vosso pai se acha livre. Esta é Zumira, filha de el-rei Zoroastro, morto na guerra, e este Idaspe, filho de el-rei dos Medos. A sua prisão será esta galeria, enquanto eu torno ao campo. (Vai-se.)

VESUGO: E quem será aquela outra senhora? Pus-lhe os olhos e não sei que me estão dizendo as tripas.

NINO: Não permitais, senhora, que a vossa desgraça faça tão cruel impressão no vosso peito. Menos grave é a infelicidade, se vos ficou toda a gentileza. Sossegai o coração e observai o meu que vos entrega a piedade, e reserva os suspiros.

ZUMIRA: De ti, a piedade é coisa que não quero. Ainda não compreendeste aonde chegam os limites da minha pena e os excessos da minha ira. A meu pai vejo morto às mãos do teu; eu lhe desejo a morte, e a ti, por filho seu, também a desejo. Não faça injusto o meu desejo a tua piedade. [4v]

NINO: Com essa narração de teus males, os meus não evites, porque mais o dobras. Eu só choro os teus danos, porque vingá-los não posso. Atende, porém, Zumira: de meu pai o sangue já o não posso render a teus pés; do meu posso fazer sacrifício às tuas plantas.

ZUMIRA: Um e outro desejo espalhar.

VESUGO: (Aparte) A rapariga é bem carniceira.

ZUMIRA: Mas o teu não busco da tua mão, com o meu próprio braço quero apagar este desejo da minha vingança. (Aparte) Ah, coração meu, desarma-te do furor.

VESUGO: Fora com a menina! Esta é de um olho! Façamo-nos na volta, talvez por cá corra o vento mais favorável. (Chega-se para Faneca.)

NINO: Esses são os teus votos, estes os meus: que esperas? Tira-me a espada, satisfaze o teu e meu desejo nessa vingança... Que te suspende?

VESUGO: Está boa oferta! E se lhe dá na cabeça esfuracar-nos a todos? (Para Faneca) Apelo eu por vossa mercê.

FANECA: Eu não me assusto com tão pouco.

VESUGO: Estará costumada a mais.

IDASPE: Oh, Zumira, ou lhe tira a vida ou tira dele os olhos; não é ele merecedor do emprego da tua vista.

ZUMIRA: Só irada o vejo. [5]

IDASPE: Mas sempre o vês.

VESUGO: Tomara eu a vossa mercê também enfadada comigo!

FANECA: Para quê?

VESUGO: Para que estes dois olhos se pespegassem em cima desta cara.

FANECA: Teria que ver...

VESUGO: Se não tinha que ver, teria que luzir.

FANECA: Em quê?

VESUGO: Em que se veriam saltando entre estas grenhas de Polifemo esses dois caga-lumes de Cupido.

NINO: Que mais tardas, Zumira? Não sei que te suspende, quando a vida te entrego.

ZUMIRA: Ao meu furor não sacia uma vitória voluntária. E tu não és aquela que primeiro se deve à minha pena. Não me obrigues, enquanto, prisioneira, me lamento; faze que eu seja livre das cadeias, que eu desafogarei...

NINO: Em ti, cadeias, Zumira? Esta é a galeria real, esta será a tua prisão e tu a minha.

ZUMIRA: Ah, Nino! Oh, deuses! Deixa-me e vai-te, que eu mais sinto o meu dano na tua vista.

NINO: Belíssima princesa, assim pões a quem fino te adora um tão cruel preceito? Talvez o não fizesses, se quanto é cruel [5v] tu alcançaras. Mas já te entendo... Só para principiaries a vingar-te me queres despedir.

Canta a seguinte Ária, e RECITADO:

Sim, eu já me ausento, eu me retiro,
bem que aflito suspiro,
mas sei que esta alma amante
é por ti obediente e a ti constante.

ÁRIA

Ah, tirana, ah, bela ingrata,
pois o queres, eu me ausento,
mas atende ao meu tormento
e ao contínuo suspirar.
Nesta ausência e em tal retiro,
obediente por amante,
sempre a teu amor constante
o meu peito acharás. (Vai-se.)

ZUMIRA: Ai de mim, que grande desassossego sente a alma!

IDASPE: Não só o atendes, mas ainda com os olhos o segues.

ZUMIRA: (Aparte) Ah, que não só com os olhos o sigo, mas também com o coração o acompanho.

VESUGO: Também eu não tiro os olhos, mas...

FANECA: Mas quê?

VESUGO: Vossa mercê desvia-me as sobranceiras.

FANECA: Não lhe quero disparar os arcos. [6]

VESUGO: Não importa, que já cá tenho as setas, e mais, meta-me a mão no seio e verá a brecha que me abriu.

IDASPE: Em que imaginas, Zumira? Que suspensão é essa?

ZUMIRA: No meu destino, que hei-de querer para a vingança própria ser algoz do sangue alheio.

IDASPE: Mas não do de Nino.

ZUMIRA: O de Nino também.

IDASPE: Que custosa o proferes!

ZUMIRA: Crê, embora, que o não aborreço, mas não que a morte lhe não quero.

IDASPE: Não, que o não creio. Disse-te que te amava, aquelas doces palavras de bela e amada não sei que indicam... Eu bem ouvi que das ofensas se lembrou o teu coração, mas em vão espera a morte de um pai a sua vingança, se na tua mão a deixa. (Vai-se.)

ZUMIRA: Agora que estás livre, fala, coração meu, aonde está o amor de Idaspe? O ódio de Nino aonde está? Oh, como rendes os teus enfados àquela presença! Muito te agrada, eu o sinto... O vê-lo te desvela, o fugir-lhe te martiriza.

ÁRIA

Ai de mim, triste cuidado,
flutuando em tanta pena,
quando a sorte te condena [6v]
a um contínuo suspirar!
Entre o ódio e entre amor,
vive o peito em dura guerra,

e na dúvida que encerra
sempre amor quer triunfar. (Vão-se.)

VESUGO: (Detendo a Faneca) Vossa mercê vai depressa.

FANECA: Sim, que vou acompanhando a minha ama.

VESUGO: Não necessita disso, que já está bem criada.

FANECA: Eu o sou de vossa mercê.

VESUGO: Pois, então, terei a confiança de mandar o que queria pedir.

FANECA: O quê?

VESUGO: Que me ouça duas palavrinhas aí pelo postigo da orelha.

FANECA: Não posso que sou surda.

VESUGO: Pois ajuntar-nos-emos ambos, porque eu sou cego.

FANECA: Pois busque quem o guie.

VESUGO: Por isso procuro essa cachorrinha.

FANECA: Não está mau o descanso.

VESUGO: Melhor seria, se os seus braços servissem de encosto aos meus.

FANECA: Os favores assim se costumam por cá pedir?

VESUGO: Não, minha senhora, mas assim se costuma fazer.

FANECA: Pois, advirta... [7]

VESUGO: O quê?

FANECA: Que às mulheres, como eu sou, não se fala dessa sorte.

VESUGO: Vossa mercê, perdoe, mas ainda lhe não sei o jeito à língua, errei a prosa, mas se vossa mercê quisesse...

FANECA: O que havia de querer?

VESUGO: Dar-me duas lições para ficar mestre.

FANECA: Tomara-lhe o desenfado.

VESUGO: Pois há mais que tê-lo, ora venha um abraço.

FANECA: Ai, não seja louco, que vem gente. (Vai-se.)

VESUGO: Qual gente? Eu a estas horas não conheço...

Sai SEMIRAMIS e ARBACE com bastão.

SEMIRAMIS: Que dizes?

VESUGO: É cá uma coisa... (Aparte) Se não abala tão depressa, leva o abraço.

SEMIRAMIS: Que buscas aqui?

VESUGO: Uma coisa que trazia na mão e me caiu por entre os dedos.

ARBACE: Retira-te.

VESUGO: (Aparte) Sim, senhor, bigodes de sôfrego. De boa escapou a moça, mas ela cairá na ratoeira... (Vai-se.)

SEMIRAMIS: Eu te tenho eleito general, e ainda que outro o pretende, só a ti o entrego. O superior governo das armas em ti terá a sua defesa. O meu voto te fez, não basta? A ti o bastão te entrego. [7v]

ARBACE: Por mim, o não empunho, já Assíria em mim culpa a escusa; eu só o recebo, para que por vós se reja; respeitável o farei com o vosso mando.

SEMIRAMIS: No teu valor está a minha esperança. Eu pedirei ajuda ao teu braço. Bem sei que injusto te parecerá o meu desejo, mas...

ARBACE: Eu não devo imaginar qual seja o intento, só me pertence executar a ordem: o vosso gosto será a minha obediência. (Vai-se.)

SEMIRAMIS: Oh, meu amado Ménon, que foste o primeiro e só posso dizer o meu esposo! Eu te vejo, eu te sinto, ainda depois de tantos anos que Átalo te tirou de meus braços com a vida, para me pôr nos seus como consorte. Ah, justa vingança, não me atormentes mais, sombra adorada, eu o aborreço por ti e o aborrecerei... Mas deixa-me fingir amor, enquanto...

Sai EL-REI.

REI: Por ti, bela Semiramis, se vê alegre toda a Assíria! Vem a gozar dos teus triunfos, bela esposa.

SEMIRAMIS: Em esse nome estão fundados todos os meus triunfos.

REI: Estes louvores são devidos à tua gentileza e à tua valentia. Vem a empregar os olhos nos troféus desse invencível braço.

SEMIRAMIS: Não, aqui fica e comigo te senta, porque [8] quero sossegar com a tua vista o meu coração. (Sentam-se.) Ainda não sinto segura a alegria em o teu livramento, porque ainda trago impressos em meus pensamentos os teus grilhões. Já estás livre, amado esposo meu! Ainda o não creio...

REI: Oh, doces palavras, oh, agradáveis vistas! Livre estou, mas ao teu valor devo. Assim o contempla a minha liberdade para que mais se glorie a tua vitória.

SEMIRAMIS: O meu triunfo é só o teu gosto, mas não te nego que se aumenta a minha glória em ver que te livrou a minha espada. Perdoa a minha soberba em tanta glória.

REI: Com chamar-lhe soberbo não desdouras o teu afecto. Vem ao teu triunfo, esposa, vem para o meu sólio.

SEMIRAMIS: Ao teu sólio, eu?

REI: Sim, comigo hás-de reinar.

SEMIRAMIS: Eu reinar contigo?

(Aparte) Oh, deuses, já chegou a hora da minha vingança.

O prémio é maior que o merecimento: ao sólio só se eleva a minha atenção e não o meu pensamento. Mas só quero, meu Rei, que, quando nele te assentares, eu aos teus pés esteja.

REI: Não, ao meu lado hás-de estar.

SEMIRAMIS: Quanto é grande o teu coração! Mas...

REI: Não te oponhas ao meu gosto: generoso, [8v] te ofereço e te falo amante.

SEMIRAMIS: Estou vencida, já não quero recusar uma honra amante, que mais a ti me entrega. Só em fazê-la menos grande, farei mais justa a tua mercê. Eu diminuo o teu poder, aceitando o teu favor; dividido em nós o mando, será menor em ambos o império. Tu seja o superior, e seja sempre, mas porque queres que eu reine igualmente, faça-se o teu gosto, mas o teu poder se salve. Um dia só quero mandar sobre o teu trono como senhora absoluta. Se assim mo concedes, assim o aceito, e se mais me queres conceder, obrigas-me a não aceitar. (Levantando-se.)

REI: Atende: teu louvor será, não culpa minha o ser tão pouco. Digno é o teu merecimento de maior prémio. Não queres mais reinar que um só dia? Pois, será hoje. Vem, esposa, vem ao teu sólio e ao teu mando.

SEMIRAMIS: (Aparte) Já me verei vingada.

ÁRIA

REI: Vem, esposa muito amada,
rege, manda e tudo impera,
que eu, amante, já quisera
todo o mundo aqui prostrar.
Se em meu peito, já dominas,
pouco faço em dar-te um reino,
que essas prendas peregrinas [9]
mais merecem, alcançam. (Vão-se.)

Sai NINO e ARBACE.

NINO: Arbace, ah, fero Arbace, tu tiraste a esta inocente alma o seu descanso e a sua paz.

ARBACE: Que afrontas, ó príncipe, são estas? De que delito, de mim ignorado, me vejo réu? Quando mensageiro de uma vitória a ti venho e te entrego os mais excelentes despojos, então me repreendes?

NINO: Nestes despojos me roubaste o meu sossego. Zumira...

ARBACE: Já te entendo. A vista da tua prisioneira e da tua inimiga te feriu o coração.

NINO: Este suspirar to diga. Sim, Arbace, aquele primeiro instante que vi dos seus olhos as luzes, oh, que deliciosa lembrança, perdi dos meus o sossego.

Sai FANECA ao bastidor.

FANECA: Que fará minha ama? Mas aqui está o príncipe.

ARBACE: E que esperas do favor de Zumira, que tem jurado de te tirar a vida e a de teu pai? Deixa, deixa...

NINO: Arbace, se me queres aconselhar que não ame a Zumira é vão o conselho. Deixa-me, deixa-me só com os meus pensamentos, que ao menos neles serei feliz, quando em me não favorecer seja desgraçado. [9v]

ARBACE: Pronto te obedeco, e só te lembro que o ódio em mulher ou dura pouco ou não se extingue. (Vai-se.)

Sai VESUGO ao bastidor.

VESUGO: Se andar por aqui... Mas não anda, que está parada.

NINO: Despreza-me embora, minha amada Zumira, e ajunta aos teus desprezos os desdéns. (Vai-se.)

Sai FANECA.

FANECA: Ai, como me cheira a nascerem alegres pazes de duras guerras. O príncipe Nino confessa que morre por Zumira e minha ama já lhe não vive desinclinada. Parece-me que teremos, em vez de socos de Marte, sopinhas de himeneu.

Sai VESUGO.

VESUGO: Visto isso, também poderei ter quinhão na vaca.

FANECA: Que sempre este maldito me apareça a estas horas!

VESUGO: Eu nunca falto a horas de comer.

FANECA: Diz bem, que é pior que sarna.

VESUGO: E tu és pior que tinha, pois não te posso pegar, nem por um cabelo.

FANECA: Você, por ser diabo, é que me parece um tihoso.

VESUGO: Olha, eu isto detinha, sim, a tinha, [10] algum dia, mas agora já não tenho a que tinha.

FANECA: Pois, se não tem já, não a quero.

VESUGO: Por que razão?

FANECA: Porque só quem dá é bom para amante. Você, como já não tem, não pode dar, porque ninguém pode dar o que não serve para amante.

VESUGO: A rapariga é sofisticada em forma. Pois, advertes que, ainda que não tenha, sempre te posso dar, porque não dá quem tem, senão quem quer bem.

FANECA: Comece já a fazer a experiência, para que eu dê melhor crédito às suas palavras.

VESUGO: Eu o que tenho aqui mais à mão são os meus braços. Aqui os tens à tua ordem.

FANECA: Retire-se, que eu não os quero.

VESUGO: Pois, que mais queres de quem está perdido?

FANECA: O quê? Nada, coisa nenhuma.

VESUGO: E, até para maior desgraça, me roubaram um coração que eu tinha, a quem queria muito.

FANECA: Pois, busque-o lá em quem lho roubou.

ÁRIA a DUO

VESUGO: Dá-me, ingrata, o coração,
Pois, tirana, mo roubaste.

FANECA: Eu suponho te enganaste,
que eu não sou quem to furtou.

VESUGO: Esse dengue mo roubou.

FANECA: Tal não há. [10v]

VESUGO: Por vida minha!

FANECA: Oh, aleivoso!

VESUGO: Oh, cachorrinha!

FANECA: Tal não digas, não há tal.

VESUGO: Eu não minto, não há tal.

Eu to dou de boa mente,
mas não sejas tão ingrata.

FANECA: Tal comigo não se trata.

AMBOS: Que eu não sou para enganar. (Vão-se.)

ACTO 2.º

CENA 1.ª

Praça de Babilónia, com vista de palácio real, arcos triunfais, erigidos em honra de SEMIRAMIS, com trono majestoso para a coroação da mesma. Povo e soldados, com bandeiras brancas. El-rei ÁTALO sobre o trono, SEMIRAMIS ao lado direito, NINO ao esquerdo; em degraus mais baixos, ARBACE, e os grandes do reino, em pé junto ao trono.

REI: Vassalos, eis aqui o vosso rei livre já dos seus contrários; sujeitos aos grilhões se viam meus pés. Vede (mostra a cadeia), esta era a minha desgraça, e pior seria a vossa vendo abrasar, às violências do inimigo, [11] fogo todo o reino. O Invencível braço de Semiramis reclamou a vitória. Esta é a grande triunfadora (para Semiramis), esta a nossa fortuna e a nossa glória. Livres, a desempenho do seu valor, vos aclamais. A não ser o seu braço, lamentarias, ó infeliz cidade, o teu estrago, em mares de pranto e em dilúvios de sangue. Aplauda a quem te salva e hoje, festiva, repete que Semiramis viva.

TODOS: Viva, viva.

REI: Só com alegres vozes o benefício se não paga. Neste dia, por ser de glória para ela e para nós de liberdade, Semiramis reine sobre o meu trono, que com o ceptro defendo; no dia do seu triunfo, tenha absoluto império, mande e governe como senhora. Este, ó príncipe, é o meu voto:
do nosso cativo hoje nos priva,
hoje reine absoluta, e sempre viva.

TODOS: Reine, e viva, viva.

REI: Tu serás a nossa rainha. Todos o aprovam e obedecer-te juram aos altos deuses. Zumira e Idaspe venham, e para fazer mais alegre um tão grande dia, se conceda a paz aos Bactrianos. Nino se despose com Zumira e venha a taça nupcial.

Chega um criado com a taça, que dará [11v] a SEMIRAMIS a seu tempo.

SEMIRAMIS: Já que te agrada que eu reine e mande em este dia, deixa que da minha mão venha nessa taça a paz de himeneu. (Toma a taça.)

Sai IDASPE e ZUMIRA.

REI: O teu gosto se cumpra. Príncipe, qual seja o vosso destino ouvireis de Semiramis. Hoje, empunha o ceptro e o diadema cinge, eu já não sou vosso rei.

Desce el-rei do trono e coroa a SEMIRAMIS, a qual se assenta no lugar aonde ele estava, e canta-se o seguinte:

CORO: Ao trono, ao trono,
a nossa triunfante,
a nossa reinante,
ao trono, ao trono.

SEMIRAMIS: Átalo, dizei-me quem em Assíria hoje reina?

REI: Tu reinas, tu mandas. O nosso destino está no teu império.

SEMIRAMIS: Já que eu mando, toda a pompa triunfal se deite a terra. Ao povo, se espalhe ouro e prata, para que aos humildes chegue também a liberalidade; os despojos inimigos se dividam entre os soldados, e aos mais assinalados esmaltem o peito preciosas jóias [12] de finas pedras; levantem-se muito mais soberbos e mais elevados os muros de Babilónia, para que o inimigo assalto não tire aos cidadãos o seu descanso. Seja minha pompa mais felicidade alheia que própria.

REI: Oh, grande mulher!

NINO: Oh, grande mãe!

TODOS: Oh, grande rainha!

SEMIRAMIS: Chega Zumira. Na minha mão está a taça nupcial, esposa de Nino te quer Átalo.

IDASPE: Zumira, lembre-te que seu pai ao teu matou.

ZUMIRA: A sombra paterna sei que ainda verte sangue das feridas, e ainda não acho vingança das ofensas.

REI: Primeiro, se conceda a paz, e depois do himeneu se trate.

SEMIRAMIS: Paz e himeneu te agrada? Pois a taça ao chão e as bandeiras a terra. Este é o himeneu e esta é a paz.

Atira com a taça ao chão, abatem os soldados as bandeiras, e desce do trono SEMIRAMIS.

REI: Oh, feroz mulher!

NINO: Oh, cruel mãe!

SEMIRAMIS: Arbace, Átalo se prenda.

REI: A mim, Semiramis? Ao teu rei? Ao teu esposo? [12v]

SEMIRAMIS: A tua rainha sou eu, e preso te quero.

REI: Sonho eu ou tu deliras?

SEMIRAMIS: (A Arbace) General obedece.

REI: E tu és tão atrevido com o teu rei?

ARBACE: O meu rei é aquela, a execução e a fé hoje só devo guardar a quem o ceptro vejo reger.

REI: Assírios, eu sou o vosso rei.

SEMIRAMIS: A vossa rainha sou eu, vós assim o jurastes aos deuses.

REI: Tu o deves respeitar em mim. Vê que no semblante mostro ainda, fora do sólio, dos altos deuses os soberanos raios; vê-me e treme de mim. Ainda que sujeito ao sólio, os deuses me fizeram teu rei e rainha eu só te fiz. Cruel com eles e comigo hoje te vejo, teme o seu e meu enfado.

SEMIRAMIS: Amanhã o temerei, hoje reino.

REI: É esta a Assíria? É esta a minha rainha? Não, vós não sois Assírios, entre vós não estou; estou entre os Bactros, à sombra de Zoroastro, que hoje matei, este é o que rege o meu sólio. (Vai-se com Arbace.)

SEMIRAMIS: Tudo ao meu mando se obre. Um dia não é breve para quem sabe mandar. Guardas, a Zumira e Idaspe nos seus quartos reservai. Nino, será tua esposa outra formosura; os soldados estejam sobre as armas. Grandes, [13] vós me segui, e seja a vossa obediência o meu preceito. Eu reino este dia, vós me fazeis vossa rainha; o juramento está dado. O destino de Assíria hoje está em mim, que hoje governo.

ÁRIA

Hoje tudo a meu preceito
se sujeite humildemente,
quando em ira o peito ardente
tanto exala o seu furor.
Se até agora a chama oculta
se enclausrou dentro no peito,
mostre agora o seu efeito,
respirando o forte ardor. (Vai-se.)

Sai VESUGO.

VESUGO: Que alvoroço é este? Uns para aqui, outros para ali... Não sabem que as mulheres são vingativas?! Fez muito bem a senhora Semiramis. El-rei Átalo matou-lhe o seu marido e, depois, enoivou-se com ela, e ela agora parece que quer enoivar-se com outro. Se eu fosse mulher, havia fazer pior, já que ele foi tolo, que lhe vai entregar o governo a uma desgovernada. Mas aí vem a senhora Faneca, que já lhe pesquei o vulto e lhe fisguei o nome. Só o abraço não posso ver na rede. Mas aqui me escondo detrás deste arco, para ver se acho modo de [13v] a meter na dança. (Esconde-se.)

Sai FANECA.

FANECA: Eu venho tonta, não posso achar a minha ama, o príncipe Idaspe não aparece; a rainha está uma pólvora, e entendo que tudo parará em fogo. Em negra hora vim acompanhar a princesa à guerra.

VESUGO: Eu saio pé ante pé a ver se posso fisgar o abraço. (Vai saindo.)

FANECA: Mas quem está aqui?

VESUGO: Valha-te um dardo, que logo pescaste este desgraçado Vesugo, que no mar de amor se vai alentando com a isca do teu desdém.

FANECA: Nunca na rede do meu afecto há-de cair esse Vesugo.

VESUGO: Cala-te, que ainda te há-de escapar pela malha algum favor.

FANECA: Não se canse, que de mim não há-de ver bóia.

VESUGO: Minha adorada, Faneca,

suspende a tua aspereza,

quando no mar da firmeza,

por ti corro seca e meca.

Valha-te, menina, a breca,

já que assim de mim não gostas!

Dize, porque me desgostas

com tão contínuo rigor? [14]

Pois, ou me faze um favor

Ou me deixa aqui em postas.

FANECA: Em postas merecia você feito, mas deixemo-nos disso, e diga-me, sabe aonde está minha ama?

VESUGO: De amas não sei. Da criada bem posso falar, quando estou tão cativo desses olhos.

FANECA: Deixe-se de cumprimentos, que lhos não estimo.

VESUGO: Ai tirana, que assim me queres pôr a curta?

FANECA: Não estou para detenções, e se me não dá notícias de minha ama, vou buscar quem mas dê.

VESUGO: Porquê? Receias ficar desacomodada?

FANECA: Não o receio, mas sempre me asseguro, e assim por aqui me sirvo. (Vai-se.)

VESUGO: Escuta, espera, ó Faneca ingrata. Ora, com bem lhe amanheça, logrou-me no melhor tempo da nossa prática¹. Cala-te, que eu te andarei pelos alcances. Ora, vamo-nos também por esta parte, que todos os rios vão dar ao mar. (Vai-se.)

CENA 2.^a

Sala real.

Sai SEMIRAMIS e IDASPE, metendo a espada na cinta.

SEMIRAMIS: Já concedi aos Bactros as pazes e a vós a liberdade. Essa é a vossa espada, cingi-a [14v] ao lado, príncipe.

IDASPE: Senhora, uma mercê tão grande...

SEMIRAMIS: Não tendes que me agradecer, conveniência minha é essa dádiva. Atendei, eu subi ao trono e dele não quero baixar. Quererão os Assírios que eu dele amanhã desça, mas vós nele me haveis de sustentar. Fazei que eu dele não seja expulsa. Vede agora se é conveniência minha a vossa espada.

IDASPE: É minha a glória que terei de servir-vos. Eu farei que se ajunte o meu campo e ao vosso mando o terei pronto.

SEMIRAMIS: Semiramis vos será agradecida.

IDASPE: A um príncipe falais que só obedecer-vos deseja.

SEMIRAMIS: Tudo alcanço e agradeço. A Zumira eu sei que amais.

IDASPE: Também sei que a ama Nino, sua será, pois lha quer dar Átalo.

¹ No original: *patrica*.

SEMIRAMIS: Se Átalo torna a reinar, não a espereis, mas se eu fico reinando, será vossa. Ela por mim vos fala e vos diz: «Idaspe, amado bem, nem sempre fera, eu contigo serei, descansa, espera».

ÁRIA

IDASPE: Oh, meu peito sempre amante,
nessa empresa toma alento, [15]
diminui o meu tormento,
pois te deves alentar.
Se, até agora, entre receios,
sempre andavas suspirando,
bem podes ir-te alentando
nessa glória de esperar. (Vai-se.)

Sai NINO.

NINO: Livre está Idaspe?

SEMIRAMIS: Sim, Nino.

NINO: E meu pai?

SEMIRAMIS: Ainda está preso.

NINO: Ai de mim!

SEMIRAMIS: Que temes?

NINO: Justo é o temor. Ingrato vos será Idaspe, contra vós despirá a espada. E, quando seja um traidor e um aleivoso, terá a desculpa no vosso exemplo.

SEMIRAMIS: A quem falas?

NINO: A uma mãe.

SEMIRAMIS: E a uma rainha também.

NINO: Sim, mas falo por um pai, e por vós mesma falo. Resoluto me faz a sua desgraça e a vossa glória.

SEMIRAMIS: Sim. Queres livre a teu pai? Ele o será. Mas ceda-me para sempre o reino, e depois tenha a liberdade.

NINO: Toda a sua esperança deve ser a liberdade, [15v] mas com tanto peso isso é delito.

SEMIRAMIS: Cala-te. Com fazeres que eu o advirta, já o não podes fazer que o não cometa.

NINO: Senhora, assim correspondeis ao amor de um marido, e...

SEMIRAMIS: Eu sei as razões que tenho. Em me conceder domínio um dia, me deu força para desejá-lo em todos. Átalo aqui vem logo, eu quero-te ouvir falar com ele, sem que ele me veja. Faze que ele consinta com a minha vontade. O trono já mo não pode tirar. Ele mo deu e tirar-mo não deve. Eterna prisão o espera, se ele não cede. Deixa que eu fale claramente e não faças movimento, que eu dali te escuto e vejo, e dos teus avisos ele é que há-de pagar a pena. E primeiro que ele suba ao trono, lhe hei-de tirar a vida.

Põe-se SEMIRAMIS ao bastidor e sai EL-REI solto.

REI: Já, ó filho, me vejo em liberdade. Que furor acomete a rainha? Eu te confesso que pior sorte esperava do seu delírio. Mas assim recebes tão triste a um pai, a um rei?

NINO: Pai, que só este nome vos posso dar, que esse de rei já o ignoro.
[16]

REI: É porque hoje não mando? Porventura, eu não sou senhor e não tornarei brevemente a reinar?

NINO: Pai...

REI: Fala, que me queres dizer?

NINO: Assim falo por vós... Quer a rainha...

REI: Continua, não confundas umas palavras com outras.

NINO: Quer a rainha que hoje lhe cedais para sempre o império ou que para sempre sejais prisioneiro.

REI: Detém-te. Aonde achaste essa lei tão cruel?

NINO: Ela me ordenou que assim vos falasse.

REI: E tu o pudeste proferir? Ah, bárbara mulher!

NINO: Calai-vos, senhor!

REI: Ainda me dizes que me cale? Alegram-te as suas crueldades? Dela serás tu filho, porém meu já não. Queres ver a ela rainha e a mim vassalo, feito riso do povo e fábula do mundo? Não te faria envergonhar um pai tão vil? Ah, mulher ingrata!

NINO: Ah, pai e senhor!

REI: Não profiras um nome que aumenta o teu delito e o meu enfado. Tu não queres que eu seja teu rei e eu não quero ser teu pai.

NINO: Oh, deuses! [16v]

REI: Mas serei rei a teu pesar. Eu me verei depressa sobre o mal concedido trono. Ao rigor do ferro e à violência do veneno, cairá dele essa ingrata, essa falsa, essa tirana...

NINO: Escutai, escutai, senhor...

SEMIRAMIS: Já me inteirei do meu desígnio. (Vai-se.)

REI: Que queres que escute? O contrário da minha liberdade? Entregarei primeiro a vida que o reino. Assim responderás a essa de quem és filho. E torna depois com os grilhões a seres tu mesmo quem mos lance aos pés.

NINO: Pai e senhor, justa é a vossa pena. Desafogue-se, e seja em mim. Já vos escuto gostoso, porque já vos escuto só.

REI: Não te entendo.

NINO: A rainha tudo escutava. Nem com um aceno vos podia dar aviso, porque era o vosso perigo o meu sinal. Já se ausentou. Falai, castigai-me, mas primeiro me chamai vosso filho.

REI: Oh, amado filho! Oh, mulher ingrata!

Tens, Nino, de mim compaixão?

NINO: Assim tivera caminho de vos entregar o ceptro. Grandes e pequenos, tudo a rainha tem em seu favor, a dinheiro os comprou. Eu não sei o modo... [17]

REI: Eu o sei, porque a minha pena me deu indústria. Está pronto o veneno, cedo o beberá. Tem por costume ir todos os dias ao jardim a beber daquela fonte chamada do sol, nessa água levará o veneno.

NINO: Ai de mim, amada mãe!

REI: Mãe chamas a quem reino e liberdade me quer tirar? Ao ver-te o teu perigo no meu estrago? Para reinar me há-de tirar primeiro a vida e depois a tua. Este perigo te faça guardar segredo. Se falas, me perdes, e, por último, te beijo e te abraço. (Abraçam-se.)

NINO: Oh, deuses!

Sai ARBACE.

ARBACE: Átalo, vinde outra vez à vossa prisão. Eu sou o executor do preceito.

REI: Pois cumpre-o.

ARBACE: Assim o devo fazer. (Para Nino) A rainha vos espera no jardim, para lá foi com Zumira.

REI: Nino, se te calas, reino, e se falas, morro. Salva-te entre nós.

NINO: E que tirano lance é este meu entre vós. (Vai-se.)

REI: Hoje serves a rainha?

ARBACE: Vós, somente, sois o meu rei.

REI: Ajuntas a zombaria ao atrevimento?

ARBACE: Não me faças réu dessa culpa, é força e não vontade. O cargo que a rainha me [17v] entregou neste bastão a vossos pés o ponho.

REI: Não, Arbace, obedece a quem reina.

ARBACE: Vós não me credes? Mostrarei com a minha morte a minha fidelidade. (Vai a ferir-se.)

REI: Tanto não quero. Faze que torne o teu rei ao trono, que a culpa já te perdoo. (Vai-se.)

CENA 3.^a

Jardim com uma fonte no meio com a estátua do sol.

Sai VESUGO.

VESUGO: Atrás de pescar Faneca, uma onde se me vai, e outra se me vem. Ela para aqui entrou, mas eu aqui a não vejo. Por esta rua, não; por aquela, menos; ei-la cá pela outra. Aí vem por entre roseiras aquela papoila da Índia, cercada de malmequeres. Tomara-me esconder, para ver se a posso pilhar, que sem fruto não há pilhar um abraço. Atrás desta mesma fonte me oculto. (Esconde-se atrás da fonte.)

Sai FANECA.

FANECA: Divertida no jardim, me apartei da princesa... Que deliciosa estância! E mais que deliciosa aquela fonte, que a beber me convida.

VESUGO: Ai, que com essa bebedura me cresce a água na boca.

FANECA: Se será esta a fonte do sol! [18]

VESUGO: (Aparte) Não, é a da lua, porque tem enchentes.

FANECA: Pesa-me não trazer por que beba.

VESUGO: Se o meu corpo não estivera sujo, tinha boa ocasião do oferecimento.

FANECA: Que bonita figura!

VESUGO: É bonito como um sol.

FANECA: Ora, já que não trago copo, beberei na bica.

VESUGO: Anda, que aqui tens a do sapato, porque já lhe meti um pé dentro.

FANECA: A ela me chego. Mas quem está aqui atrás?!

VESUGO: Sou eu que me estou aquecendo ao sol.

(Aparte) A maldita, nunca lhe escapo.

FANECA: Olhem o cara do demo.

VESUGO: Pois querias que fosse bonita servindo em um chafariz!

FANECA: Cale-se, que estou danada.

VESUGO: Isso vi eu logo, quando vieste às ondas.

FANECA: O maldito, que me fez fugir a vontade de beber.

VESUGO: Também tu me fizeste escapar a ocasião de te pilhar um abraço.

FANECA: E ainda não tem vergonha de o dizer?

VESUGO: Nem de to dar aqui já e logo.

Vai para dar-lhe o abraço, ela o empurra e o deita dentro na fonte.

FANECA: Desta sorte se castigam atrevidos. [18v]

VESUGO: Oh, mulher de uma figa, já queres que eu corra banhos.

FANECA: Pesa-me a mim... Mas aí vem gente, não quero que me vejam.

(Vai-se.)

VESUGO: Quem me dá a mão, que me afogo!

Sai NINO.

NINO: Que fazes, louco?

VESUGO: Achei boa maré e não a quis perder. (Sai.)

NINO: Retira-te, que vem a princesa.

VESUGO: Sim, senhor, que nem estou capaz de aparecer. (Vai-se.)

Sai ZUMIRA.

NINO: Princesa.

ZUMIRA: (Aparte) Enfado volta ao meu coração.

NINO: Hoje vos torno a ver com mais alegria, pois vos vejo na liberdade.

ZUMIRA: Se me vedes livre, a vosso pai o não devo. E se o devesse, me daria pena, por lhe não ser ingrata não vir a ser sua inimiga. Agora o sou, e o serei sem me mostrar injusta.

NINO: Não bastara a aplacar essa ira todo o meu amor, Zumira? Eu contra vós não tomei as armas, não despojei a vosso pai da vida. Eu vos amo com aquela fé que se deve a esse reflexo do sol que em vós brilha. E assim mitigue meu amor o vosso [19] ódio.

ZUMIRA: (Aparte) Ah, como sinto palpitar-me o coração.

NINO: Se vós quereis, eu apagarei esse incêndio com um dilúvio de sangue: vereis morrer meu pai às vossas mãos, e depois eu pelas minhas farei que caia morto a vossos pés.

ÁRIA

Se o rigor da tirania
só com sangue se mitiga,
em meu peito o ferro abriga,
satisfaze o teu rigor.
E se basta a minha vida,
a teus pés hoje rendida,

ta dedica o meu amor. (Vai-se.)

ZUMIRA: Que é isto, coração? Com a presença daquele semblante, morre o teu enfado.

Sai IDASPE.

IDASPE: Já começou, Zumira, a vossa vingança, eu darei fim à obra. Um grande esquadrão tenho pronto ao meu mando.

ZUMIRA: Já alcancei tudo da rainha. Glória nossa é ver pedir o vencedor socorro ao vencido.

IDASPE: O socorro do vencido sempre foi perigo do vencedor, com as mesmas armas com que se conserva se arruína. Não só Átalo morra, morrerá Nino e...

ZUMIRA: Nino está inocente. [19v]

IDASPE: Não digas isso, dize que Nino é amante.

ZUMIRA: Mais aumentaria o meu ódio o seu amor, se ele fosse réu.

IDASPE: Já descubro o teu peito, basta.

ZUMIRA: E isto é dizer que o amo?

IDASPE: A tua piedade te descobre. Zumira, no teu coração ardem essas chamas de injusto amor. Deixa de amar a quem só deves...

ZUMIRA: Basta.

ÁRIA

Oh, que pena me consome
qual incêndio, o meu peito;
quase o coração desfeito
considero em tanto ardor.
Se o meu fado me não basta

a matar-me em tal tormento,
venha o novo sentimento
aumentar a minha dor. (Vai-se.)

Sai SEMIRAMIS.

IDASPE: Mal aconselhada mulher.

SEMIRAMIS: Idaspe!

IDASPE: Senhora, já estão juntos os mais fortes soldados. Falta só que se dê entrada na cidade.

SEMIRAMIS: Eu darei aviso antes que o sol se sepulte.

IDASPE: Vós sereis rainha, mas Zumira já não há-de ser minha esposa.
[20]

SEMIRAMIS: Ainda temeis o amor de Nino?

IDASPE: O de Zumira é que temo.

SEMIRAMIS: E quem vos disse que ela o amava?

IDASPE: Ela própria.

SEMIRAMIS: E dais-lhe crédito? Dama alguma disse nunca que era infiel. Só quando é mais firme, então confessa menos fé.

IDASPE: Se me dissesse que o amava, talvez lhe não desse crédito. Porém, confessou-se compassiva.

SEMIRAMIS: Nino vem, retira-te e desterra esse sentimento. Compassiva, e não amante, está Zumira.

IDASPE: O tempo o dirá. (Vai-se.)

Sai NINO.

SEMIRAMIS: Vem, filho, declara-me de teu pai os pensamentos, que só uns acentos truncados puderam chegar aos meus ouvidos.

NINO: Ele quer reinar. Só isto vos não pode conceder o seu amor.

SEMIRAMIS: E ainda me ama? Não me chama cruel?

NINO: Cruel vos chama, mas é mais dor do que ira. Senhora, ele vos ama.

SEMIRAMIS: E da prisão que diz?

NINO: Espera antes a morte.

SEMIRAMIS: Nem fala de vingança?

NINO: Seria em vão a empresa, já não a pode tomar. [20v]

SEMIRAMIS: Nem tu me enganas?

NINO: Eu enganar-vos?

SEMIRAMIS: Basta, dele quero alcançar tudo.

Sai EL-REI com guardas.

SEMIRAMIS: Átalo, aqui está Semiramis, aqui está a tua rainha. Atende para esta obra do seu amor. Gloria-te de me ver cingida do diadema. Pareço-te mais bela hoje, que reino? Deixa que em ti reparte. Nessas cadeias que arrojas compreendo o grande poder que me deste. Em te fazer desgraçado, exalto os teus merecimentos; de glória tu te serve a tua desgraça. Só por te ser agradável, quero ser hoje cruel.

NINO: Mãe, e senhora, não o irrites nem o desprezes.

SEMIRAMIS: Vê-me, fala, Átalo, dize-me ao menos que sou traidora. Pouco é o meu poder, se te consente sofrer esse mal. Tu me ensinas nesse silêncio que não és tão infeliz quanto eu queria.

REI: (Aparte) Oh, fera; oh, tigre; oh, monstra!

SEMIRAMIS: Mas já sinto por entre os beijos andarem as vozes... Traga-se-me a costumada água dessa fonte do sol, mitigareis mais o incêndio da minha ira nessa derretida neve.

Assenta-se ao pé da fonte, e sai [21] um soldado com uma taça.

NINO: Senhora, aquele silêncio não é desprezo. Quando os males são grandes, perturbam-se inteiramente os sentidos.

SEMIRAMIS: Dá-me, filho, aquela taça.

NINO: Oh, deuses, em que risco me vejo! (Toma a taça.) Oh, pai, e queres que não fale e dê cruelmente a morte a minha mãe? Ainda não basta o silêncio? Eu mesmo lhe hei-de dar o veneno? Se lho dou, morre Semiramis, se não lho dou, morre Átalo; que hei-de fazer? Pai, e senhor, vede a morte de uma mãe na mão de um filho. Se buscais a vingança, executai-a em mim como réu da culpa; baste o meu silêncio para me formar o delito.

REI: Ah, filho de Semiramis, tu andas louco entre nós... Espalha por uma vez o veneno: ou mata o pai ou acaba a mãe.

SEMIRAMIS: Filho, nem essa água quer Átalo que me dê? Vem, amado filho, que me sinto abrasar.

NINO: (Aparte) Oh, deuses, que farei? Infeliz mãe!

Toma NINO a água na taça e, com passos vagarosos, vai a dá-la a SEMIRAMIS, voltando-se para EL-REI.

SEMIRAMIS: Que vagarosos moves os passos! Porque é este receio? Tu para o pai voltas os olhos e ele os seus de ti não aparta com ira. Dá-me [21v] essa água, filho. (Põe Nino a taça na fonte.) Nino, porque recusas dar-me essa água? Teu pai to proibiu? Deixa-me beber, que eu... (Quer beber.)

NINO: Mãe, e senhora...

SEMIRAMIS: Que me queres dizer? Continua.

REI: Ah, louco!

SEMIRAMIS: Tu te calas e te perturbas, e até a água vejo infecta! Que é isto?

REI: Fala! Para que emudeis? Cumpre o teu desejo, filho ingrato. Dize que antes queres a minha morte do que a sua. Tremeste ao executar a minha justa vingança? Pois executa a tua crueldade: dá-me a mim o veneno, e se ainda não basta, acabe a esses pés a vida de um pai à violência de tuas mãos.

SEMIRAMIS: Se assim se executasse, que justa seria a tua morte querendo a minha. O querer-te tirar o trono, não era delito meu, era pena tua: tu dos braços me tiraste, oh, bárbaro, o meu primeiro esposo; vingá-lo queria tirando-te a ti o reino. Mas tu me abriste para maior vingança o caminho. A mim o veneno me querias dar? Pois, agora, há-de bebê-lo. (Dá-lhe a taça.)

REI: Eu a tomo, mas não doures com esse nome de vingança a tua crueldade! Eu dei a morte ao teu Ménon, assim foi. Tua formosura [22] é delito, por ser de amor tinha desculpa; o teu na mesma ambição já leva a pena. Reina, tirana, que eu já quero com este veneno que o meu cadáver seja o degrau por onde subas a esse sólio. (Quer beber.)

NINO: Suspende, pai. Mãe, é injusta aquela morte, acabe antes às violências do ferro o réu. E se todo o seu sangue há-de pagar o seu delito, o que tenho nas veias também é seu. Tira-mo ou eu o tiro. (Quer ferir-se.)

SEMIRAMIS: Filho, suspende!

NINO: Não te apresses, porque eu só quero que a minha morte acompanhe a sua.

SEMIRAMIS: Vê, filho cruel, por que tu vivas, ele se salve. (Deita Semiramis no chão a taça que El-Rei tem nas mãos.) Tu espalhavas o meu sangue derramando o teu. (Aparte) Olá, uma escura prisão seja de Átalo depósito. Vai, que lá verás o teu destino.

ÁRIA

REI: Qual hircana, tigre, fera,

teu coração duro e forte
determina dar a morte
a quem só quis adorar.
Oh, rigor do meu destino;
Oh, pensão do injusto fado,
quando chega a tal estado, [22v]
o efeito de um amar. (Vai-se.)

Sai ZUMIRA.

SEMIRAMIS: Chegas a bom tempo. Nino, por livrar a Átalo se quer matar.

ZUMIRA: Que ambos se percam é o meu voto.

SEMIRAMIS: Tão cruel te não busco nem quero que o sejas. Eu quero vivo a meu filho; Átalo quero que morra, livrá-lo não podes. (A Nino) Mas se tu morres, há-de morrer Zumira. Aqui vos deixo em conselho... Zumira, tu hás-de morrer se Nino morre. (Vai-se.)

NINO: Oh, deuses, haverá mais que me suceda?! Da minha morte perco a glória e o fruto: não sirvo de reparo à de meu pai e hei-de ser ocasião da vossa.

ZUMIRA: Deixa que eu morra, que assim tomas vingança por parte de teu pai com a minha morte. Morto o desejo, e por me vingar na sua vida até na minha o fizera. Mas ouve, Nino, a ti não chega este ódio; o amor já me não dá alento para tratar da vida, pois sei que aos infelizes não serve de bem. Não ostento esta piedade por temer a minha morte, ostento-a, sim, por salvar a tua vida. Não és tu a causa da minha pena e do meu incêndio? Sim, vive, Nino, que Zumira assim o deseja.

NINO: Zumira, conheces o quanto te amo? Se alguma [23] faísca deste incêndio em que me abraso se ateou em teu coração, não me encubras este

troféu de meu amor; fala, meu bem, pois com esta confissão me farás gostosa a vida em tanta dor; dize, senhora, se nessa pena que tens da minha morte tem parte o teu afecto.

ZUMIRA: Deixa-te viver, que tu o saberás.

DUETO

NINO: Não suspendas esse alento,
pois dele depende a vida.

ZUMIRA: Conservá-la não duvida.

NINO: Para amar-te.

ZUMIRA: Isso estimo.

NINO: De adorar-te só me animo.

AMBOS: E só vivo de adorar,
vive embora no adorar!

NINO: Não me ocultes a esperança
nesse amante desengano.

ZUMIRA: Se meu peito é desumano,
como podeis esperar?

AMBOS: Em teu peito soberano,
sempre amor hei-de esperar.

ACTO 3.º

CENA 1.ª

Pátio de palácio real. [23v]

Sai SEMIRAMIS e ARBACE.

SEMIRAMIS: Arbace, o tempo é breve, não arrisquemos a empresa.

ARBACE: Aos grandes do reino já dei as vossas ordens. Em a sala os tereis juntos; as armas estão prontas. O tumulto popular em esta noite se

não pode temer: o ouro e a prata que lhe mandaste espalhar os encheu de alegria, tudo está sossegado. A porta que cai para o Oriente, está aberta aos Bactros. Porém, de outro socorro não há notícia. Por vós estão os Assírios. O desejo que tendes de reinar, hoje o haveis de conseguir.

SEMIRAMIS: Adianta-te, Arbace, e os grandes do reino dispõe em meu favor. Em esta noite se deve executar o juramento do meu império. Em ti deposito a defesa, pois te confio a lealdade.

ARBACE: A minha execução o dirá, fiel serei. (Aparte) Mas somente a Átalo. (Vai-se.)

SEMIRAMIS: Átalo há-de morrer, só este intento encobri a Arbace, porque sempre os vassallos amam a vida do seu soberano. A mão de um Bactro quero que execute o golpe, e assim farei que se creia que foi indústria de Zumira, e sobre ela cairá o ódio de [24] Nino e do reino. Idaspe é só o sabedor deste intento, ele lhe dará o caminho.

Sai ZUMIRA.

ZUMIRA: Nino viverá, senhora; Átalo morra, por minha mão executara o golpe naquele tirano, se eu tanto pudera como vós.

SEMIRAMIS: Bem podes, Zumira. Vingue-se por ti teu pai e por mim o esposo. Pronto e calado deve ser o golpe. Um Bactro o faça, eu dos Assírios não fio que a seu rei matem.

Sai VESUGO ao bastidor.

VESUGO: Para aqui vi entrar a princesa, e como ando à pescaria de Faneca, quero ver se a posso agarrar com o anzol da diligência.

ZUMIRA: Eu o executarei. Fazei vós, senhora, que eu possa entrar na prisão.

VESUGO: Eu não a bispo. Mas já que estão divertidas, darei mais um passo para o meu desengano. (Vai saindo.)

SEMIRAMIS: A guarda terá sinal, mas...

ZUMIRA: Eu acompanharei os meus...

SEMIRAMIS: (Para Zumira) Cala-te. (Para Vesugo) Que andas tu buscando?

VESUGO: É uma galinha, que me costuma vir por fora, e queria ver se lhe achava o ovo. (Aparte) Que sempre hei-de achar estes espantalhos. Má comichão te dê!

SEMIRAMIS: Já te entendo, traidor. Tu feito espia! Tu [24v] ouvindo-me os meus segredos!

VESUGO: Pois se vossa excelência mos não dissera, nunca eu lhos ouvira.

SEMIRAMIS: Ainda confessas que os teus ouvidos...

VESUGO: Antes é cousa que eu nunca o soube guardar. Eu era capaz de me meter em coisas secretas? Eu, eu?

SEMIRAMIS: Mas vieste a ouvir?

VESUGO: Eu não, senhora, vinha a apalpar.

SEMIRAMIS: Olá, a este louco metei na prisão para que não ouça.

Saem soldados.

VESUGO: Ui, senhora, se se prende por ter orelha, não faltará que quer aos quadrilheiros na terra. Veja que eu não escutei.

SEMIRAMIS: Bem te entendo.

VESUGO: Antes por vossa insolência me não entender é que diz isso.

SEMIRAMIS: Levem-no.

VESUGO: Não é preciso que me levem. Faça com que me soltem, que eu irei pelo meu pé.

SEMIRAMIS: Tenho dito.

VESUGO: Isto é uma injustiça! Eu já ouvi dizer que os ouvidores é que prendiam e não que prendiam aos ouvidores.

SEMIRAMIS: Que esperais?

VESUGO: Que vossa alteza me mande soltar, [25] que eu prometo não ouvir mais na minha vida senão aquilo que me quiserem dizer.

SEMIRAMIS: Já me falta a paciência.

VESUGO: Ai, senhora, não se enfade, que eu vou e torno a ir, mas também logo torno a voltar.

ZUMIRA: Vai, e não tenhas receio que te não há-de suceder mal.

VESUGO: Visto isso, vou. Mas já que me faz tanto favor, vá vossa alteza por mim, que eu ficarei com o seu segredo.

SEMIRAMIS: Não me ouves?

VESUGO: Se vossa alteza não quer que eu ouça, que quer que eu faça? Mas eu vou, que não tenho outro remédio, pois a vejo enfadar porque ouvi e, agora, se enfada porque não ouço. (Vai-se, e os soldados.)

SEMIRAMIS: Fala, Zumira.

ZUMIRA: Eu acompanharei aos meus, e com a minha voz alentarei o seu braço.

SEMIRAMIS: Bem se vê que nasceste para reinar. O império dos Bactros te cedo, já que te não agrada a mão de Nino. Mas ele vem.

ZUMIRA: O nosso intento se lhe encubra.

SEMIRAMIS: O meu falar no semblante o hás-de entender.

Sai NINO.

SEMIRAMIS: Nino, por ti estava falando: a Zumira entrego o reino dos Bactros e para ti lhe peço a mão de esposa. [25v]

NINO: A pedir e a esperar me convidais, pois também peço que entregueis o reino a meu pai.

ZUMIRA: Este é só o desejo de Nino, em mim não emprega o seu afecto.

NINO: Veja eu primeiro livre a meu pai e, depois, vereis se vos tenho amor.

SEMIRAMIS: Já está quase vizinho o novo dia. Zumira, faze por te ausentar, Nino fala de amor. (Vai-se.)

NINO: Bela Zumira, desculpe-se a minha dor e o meu desacerto, se ainda de meu pai falo.

ZUMIRA: Em vosso pai quereis falar, príncipe? Pois, segui a vossa mãe. Nino, para que comigo vos suspendeis, se em amor não falais?

NINO: Oh, que aflição me combate o peito! Zumira, meu pai está prisioneiro.

ZUMIRA: E o meu está morto. E serve de incentivo ao meu amor o vosso afecto. Vós me aumentais a dor com essa lembrança. Vede, vede tornar as lágrimas a meus olhos, mas logo... Ah, pensamento...

NINO: Já vos entendo. Ai de mim! Mais se não tarde, Zumira. Mas só vos peço que não choreis. Deixai que esse pranto em meus olhos se reparta, para que com ele acompanhe a um pai infeliz.

ÁRIA

Qual chuveiro desatado, [26]
quando inunda o mar undoso,
que com vento furioso,
tudo chega a perturbar;
tal contemplo hoje o meu peito,
quando em lágrimas desfeito,
tem de pranto um grande mar. (Vai-se.)

Sai IDASPE.

IDASPE: Zumira, o estar falando a Nino é dilatar a morte de Átalo. Cresce a noite, e vejo que nessa tardança se perde o golpe. Mas a presença de Nino vos pode esfriar para o fazer, pois eu o farei.

ZUMIRA: Idaspe, eu não quero ceder essa glória do meu braço.

IDASPE: Vós amais a Nino e quereis matar a Átalo? Já mais não espero que de seu pai a morte e de vós a vingança.

ZUMIRA: Não me irriteis mais. Eu quero dar a morte a Átalo, e também não quero fingir mais convosco, porque também vos quero desenganar, que só quero a Nino.

IDASPE: Visto isso, já me não amais, e ainda o podeis proferir!

ZUMIRA: Sim, porque em o dizer, vos venho a desenganar.

IDASPE: Se em mim sempre encontrastes amor, porque me não correspondeis com amor? [26v]

ZUMIRA: Eu vos quero satisfazer o vosso desejo.

ÁRIA

Em mim vive uma firmeza,
eu, sim, amo e sou constante,
mas de Nino sempre amante
só me hei-de confessar.
Só a ele amor dedico
e se amante me publico,
que mais há que publicar? (Vão-se.)

CENA 2.^a

Cárcere.

Sai EL-REI com cadeias.

REI: Oh, mulher soberba e fera, que em estas horrendas sombras me sepultas, satisfaze já esse cruel desejo com a minha morte. Sei que o usurpado trono e a minha liberdade cativa não basta a fazer-te alegre e segurar-te o reino. Só eu o sinto: nele te pode segurar o meu sangue. Espalha-o de uma vez, esposa ingrata. A ti segura o reino e a mim me mata; corre a matar-me, oh, pérfida, em meu sangue apaga a sede mais cruel. Mas já sinto abrir do cárcere as duas portas. Como rei não morro, como infeliz acabo. Oh, quanto o sinto!

Sai NINO. [27]

REI: Oh, tu, quem quer que sejas, que, da parte de Semiramis, ou mensageiro ou ministro vens, suspende a sentença, embarga o golpe, que ainda fora do sólio não deixo de ser senhor do reino; teu rei sou.

NINO: Pai, e senhor, eu sou o vosso filho.

REI: Tu, o meu filho! Agora lamento mais certa a minha morte! Tu, por ordem de tua mãe, ma vens dar.

NINO: Eu dar-vos a morte?! Eu quis... Vós o sabeis...

REI: Sei que a quiseste livrar do veneno. Já de hoje em diante não serás meu filho, e não sei se seu. Tu matar-me queres, mas ainda me lembro do que por mim obraste. Coração para me ferires sei que o não terás. Dá-me esse ferro, eu mesmo com ele me matarei. Ah, cruel filho, tu és aquele que me matas, eu sou aquele que ainda te amo e te quero dar o último abraço. (Quer abraçá-lo.)

NINO: Pai, e senhor, esse abraço só o reservo para mo dares do sólio. Eu quero ficar por vós nestas horrendas trevas. Saí, senhor, saí delas, o fiel Arbace ali vos espera para vos servir de guarda. A luz que sai do cárcere é pouca para o conhecimento: imaginarão os guardas que eu que entrei com o general sou o que com ele saio. Para vos [27v] defender já tomaram os

grandes do reino as armas, que no sangue nobre sempre há lealdade. Toda a demora serve de prejuízo. Ide, senhor, eu fico, que assim vos quer matar o filho que vos busca.

REI: Tu ficar aqui por mim! Oh, filho da minha alma, e só a minha alegria e a minha ventura entre tantas desgraças! Tornarei a reinar, e de um ímpio e ingrato coração poderei fazer exemplo, se torno ao sólio... Mas vamos, que com o teu amor mitigarei a minha vingança.

NINO: Com Arbace só pode sair um de nós.

REI: Não estimo a minha liberdade com o teu risco. Se tu aqui ficas, temo que...

NINO: Eu vos livro, e tornando vós a reinar, não tenho que temer.

REI: Vou buscar a vida e o reino, mas primeiro que suba ao trono, aqui tornarei a buscar-te. Adeus.

NINO: Livrai-vos e reinai, mas também vos peço que deste filho livreis a mãe.

REI: Ah, porque desse coração generoso não repartes com essa ingrata mulher? O ver em ti tanto amor faz nela mais horrendo o ódio. (Vai-se.)

NINO: Já livreis a meu pai. Oh, deuses! E que [28] alegre estaria, se não temesse ainda a sorte de uma mãe! Apenas de um mal fujo, quando em outro topo, tão grande é a multidão de meus pesares...

Suspende-se ao estrondo que se faz, e sai ZUMIRA com um punhal na mão e soldados bactros com espadas.

ZUMIRA: Despi o ferro. Átalo, eu sou Zumira, estes são os meus Bactros; isto basta para saberes o teu destino. Soldados, trespassai aquele peito que o de meu pai feriu. (Vai a feri-lo.)

NINO: Zumira, se eu hei-de acabar, sede vós, senhora, a que me mateis.

ZUMIRA: Suspendei-vos, soldados. Que vozes são estas? Ai de mim! É Nino.

NINO: Sim, Nino sou, bela Zumira. Mitigai os vossos enfados, extingui esse ódio. Quereis vingar o sangue de vosso pai? Aqui tendes o meu peito, trespassai-o, mandai esses vossos soldados contra mim; acabe às suas mãos esta infeliz vida, caia desvanecida a vossos pés. Por todas as partes me firam, mas só lhe mandai que reservem o meu coração para a vossa espada, que não será ofensa da vossa imagem nele esculpida, sendo vosso o golpe.

ZUMIRA: Que vos espalhe o sangue? Que vos trespassasse [28v] o coração me dizeis? Nino, não era este o meu intento. Eu, sim, buscava nesta prisão um sangue, mas não era o vosso. Somente em imaginar que o pus em risco de se derramar, o meu nas veias se gela. (Deixa cair o punhal.)

NINO: Se quereis derramar o de meu pai, é vã, senhora, essa piedade. Se havemos morrer ambos, deixai que eu morra só. Zumira, senhora, reparaí que vos entrego o ferro. (Levanta-o e dá-lho.) Eu vos ofereço o peito, matai-me e sossegai já de todo essa ira, pois sei que em espirar a vossos pés, terei a minha glória; mas só vos peço que, ao trespassar-me o peito, me digais «Nino, eu perdoo a teu pai». (Ajoelha.)

ZUMIRA: Basta, levantai-vos, Nino. Estou vencida, a minha vingança cede à minha dor e ao meu afecto. O susto de ter sido a causa de te ver quase morto me extingue o desejo de acabar a teu pai. Apague-se do meu pensamento de Zoroastro a sombra, Átalo viva; a seus pés vou lançar este ferro, que lhe havia passar o peito. Viva teu pai, torne ao sólio. Nino, escuta a Zumira, eu lhe perdoo.

NINO: Que semelhança tem o vosso coração com a vossa presença! Zumira, agora dai-me a morte, que mais não quero. [29]

ZUMIRA: Eu dar-vos a morte?! Ah, Nino, vós já de mim não podeis temer, porque já sabeis que vos chego a amar.

NINO: E é verdade, senhora, que me amais?

ÁRIA

Já não pode o peito amante
ocultar o amor ardente:
amo a ti, Nino, somente,
e a ti sempre hei-de adorar.
Já vencida me confesso
e publico que te adoro:
não te vendo, sinto e choro,
e me alegro em te avistar. (Vai-se.)

NINO: Sossegada se vê a minha querida esperança. Enfim, vejo já a sua amada presença depois de tanta tempestade. Buscarei a meu pai para de todo sossegar o meu coração. (Vai-se.)

Sai FANECA.

FANECA: Que desgraçada mulher fui em vir a tal terra! Com sustos na batalha, com sustos no palácio e, agora, novo susto com minha ama, que ouço matara el-rei e viera para aqui. Eu não sei o que faço nem aonde estou! Entrei como louca pela cadeia, quando até os guardas via sair mais loucos do que eu. Mas eu nem sinto nem vejo [29v] coisa alguma. Os cabelos se me arrepiam, as carnes me tremem. Ah, senhora, que há-de ser de mim! Senhora!

Sai VESUGO ao bastidor com um cobertor às costas.

VESUGO: Isto será coisa de encanto? Mandou-me para aqui a rainha, porque escutava quando nada ouvia. E entendendo que tiraria o susto da

prisão com o sono, me não deixam dormir um bocado! Apenas me deito, quando outro motim se ouve, e o pior é que se acham as portas abertas e sem guardas. Só ouvi para aqui a modo de uns gritos de mulher que chora. Que será isto?

FANECA: (Aparte) Ah, desgraçada mulher, nisto vieste a parar!

VESUGO: (Aparte) Também eu vim a parar em estoutro.

FANECA: (Aparte) Eu só, desamparada, fora da minha terra.

VESUGO: (Aparte) Também eu estou aqui fora de minha casa.

FANECA: (Aparte) Cativa e presa sem culpa.

VESUGO: Isso, eis aí o que eu padeço. Ai, quem será esta carpideira dos meus achaques? A rapariga deve saber da minha vida.

FANECA: Aqui morro sem dúvida.

VESUGO: Isso agora é mais comprido, pois não quero que morra sem luz. Eu vou buscá-la depressa. (Vai-se.) [30]

FANECA: Mas para esta parte me parece que sinto estrondo... Irei tentando a ver se topo alguma pessoa que me guie e me ponha na porta por onde saia daqui, que eu já não sei por donde vim nem para onde vou. Mas se não me engano, para esta parte me parece que vem uma luz; sim, para esta parte...

Sai VESUGO embrulhado no mesmo cobertor e com uma candeia na mão.

VESUGO: Oh, menina, não morra sem candeia.

FANECA: Ai mofina de mim!

VESUGO: Não se assuste de me ver, que eu sou já coisa do outro mundo.

FANECA: Ah, senhora Zumira, acuda-me!

VESUGO: (Aparte) Esta é Faneca, que já a pesquei ao candeio.

FANECA: Senhor defunto, deixe-me, que eu não lhe tirei a sua vida.

VESUGO: Não, mas és a causa da minha morte.

FANECA: Pois que quer?

VESUGO: Que não me faças penar.

FANECA: Eu o faço penar? Em quê, senhora alma?

VESUGO: Em não concederes alguns favores a este pobre Vesugo.

FANECA: Ai, negro mofino! Você era!

VESUGO: Negro me chamas? Tens razão, pois sou teu escravo.

FANECA: E porque estás aqui? [30v]

VESUGO: Por ouvir.

FANECA: Só por isso?

VESUGO: Sim, mas agora também estarei por apalpar. Venha esse abraço.

FANECA: Como já vejo a porta, assim me ausentarei logrando-o. (Apaga-lhe a luz e vai-se.)

VESUGO: Ah, perra, que me deixaste às boas noites, e assim mesmo às escuras me hei-de queixar dos teus rigores.

ÁRIA

Se são teus olhos,
quem me dá luzes,
em te ausentando,
estou penando,
sem nada ver.
Foste-te, ingrata!
Oh, que impaciência,
pois nesta ausência
cego hei-de ser. (Vai-se.)

CENA 3.^a

Galeria correspondente ao Templo do Sol, com trono destinado para receber dos grandes do reino as honras os reis de Assíria.

Saem SEMIRAMIS, ARBACE, grandes do reino e povo.

SEMIRAMIS: Generais, poucos momentos restam ao meu império e primeiro que da cabeça me desça [31] a coroa, quero que de vós se adore a majestade. Depostas as armas, cada um a mim se incline. Eu reino e devo receber as honras devidas aos reis. (Nenhum se move.) Em que se tarda, em que se imagina? Arbace, rende a espada e a mim ajoelha, que os mais te seguirão, pois com o teu exemplo os advertes.

ARBACE: Não se deve tanta honra a quem um só dia reina; de nós só a deve ter aquele que nasceu para reinar, nada se deve a quem por morte e por engano se quer fazer rainha. Assim depõe a espada Arbace e assim se inclina. (Despe a espada e juntamente os mais.)

SEMIRAMIS: E contra quem, traidores, se despe o ferro? Contra mim? Contra a vossa rainha?

Sai IDASPE.

IDASPE: Assírios, é morto o vosso rei, Zumira executou o golpe. Eu a vi armada, com os seus soldados, entrar na prisão a dar-lhe a morte. O palácio está já cercado dos meus. A rainha de Assíria sois vós, e assim...

Sai EL-REI.

ARBACE: Este é o vosso rei, a seus pés ponho a espada. (Ajoelha.)

SEMIRAMIS: Tu me enganaste, Idaspe?!

REI: Semiramis, que este é só o nome que te resta, [31v] da tua desgraça só tu tiveste a culpa. Já minha esposa não serás, o que devia ser a tua glória se converteu infelicidade².

SEMIRAMIS: Átalo, eu ainda sou a tua rainha, por tal me reconhece. Do sólio só quero descer morta e não desprezada.

REI: Eu te farei descer, mas primeiro se traga Nino da prisão donde me tirou.

SEMIRAMIS: Ah, filho amado! Oh, triste mãe, se o golpe se executou.

Sai ZUMIRA.

ZUMIRA: Sim, executado está o golpe. A vós quis dar a morte, com os meus Bactros; na prisão, entre aquelas trevas, imaginei vos tirava a vida.

SEMIRAMIS: Morreu meu filho! Oh, infeliz, que mais me falta? (Desce do trono.) Átalo, apressa a minha morte, agora é que de todo sou cúmplice no delito; não basta que o céu castigue o meu pensamento com o erro do golpe: para ti era a morte e a meu filho se deu! O conselho da execução dei a Zumira, porque o fruto queria da tua morte e não a culpa. Agora te peço que espalheis o meu sangue, junto ao do meu filho, e desta que a vida lhe roubou, eu serei... (Vai a ferir Zumira.) [32]

Sai NINO.

NINO: Mãe, e senhora, que fazeis? A morte quereis dar a quem a vida devo?

SEMIRAMIS: Ainda vivo te vejo! Oh, filho amado!

REI: Que é o que vejo?

² No original: *emfelicidade*.

ZUMIRA: Desterre-se a vossa suspensão. Quando entendi que desafogava a minha pena, dando a morte a Átalo, vingando a que deu a meu pai, em seu lugar encontrei a Nino. À sua presença, suspendi o golpe; (aos dois) a ira e o enfado se converteu em amor, por ele e por ti.

REI: No ser generosa te manifestas justa.

SEMIRAMIS: Bela Zumira, agora sei que foi contigo injusto o meu ódio. Porém, emende-se com uma dádiva o erro: se te é agradável a mão de Nino, da minha a toma.

IDASPE: Que fazeis, senhora? A mão de Zumira não é minha? Cumpri a promessa, tereis o reino. Em meu poder está o palácio, pois o tenho cercado; Átalo há-de morrer e vós reinar.

SEMIRAMIS: Não, Idaspe. Sobre aquele trono que tanto desejei vi todos os meus infortúnios e chorei todos os meus erros. Obrou bastantemente o meu fruto, não quero o reino que é só de outro.

IDASPE: Se o não quereis reger, eu sempre me [32v] quero vingar. Átalo, às minhas mãos reservou o céu o teu castigo. Olá Bactros, segui o meu mando e ao que se opuser haveis de castigar.

REI: A tanto se arroja um prisioneiro?

NINO: Eu vos defendo, senhor.

ZUMIRA: A glória de vos livrar quero só para mim. Bactros, quem vos governa é Zumira. Idaspe, deponde as armas e, fora do cerco do palácio, guardai as minhas ordens. Eu sou a vossa rainha, eu sou a que vos mando.

IDASPE: Ah, Zumira, e não bastava desprezar a fé de quem te adora, senão ainda buscas esta vingança? (Quer ir-se.)

REI: Não o deixeis ausentar.

SEMIRAMIS: Já és rei, Átalo, já estás livre, não demores mais o meu castigo.

NINO: Pai, e senhor, se um filho... (Ajoelha.)

REI: Levanta-te, não quero escutar os teus rogos. Tu, com falsa carícia, com enganosa arte, Semiramis, o trono me pediste e, depois, não só a liberdade, mas a vida tirar-me quiseste.

SEMIRAMIS: Já sei que sou ré da morte. Isso basta, vinga-te na minha vida, que eu vou já esperar firme o golpe. (Quer ir-se.) [33]

REI: Suspendei-a. Não imagines que serei tão cruel contigo como tu comigo foste tirana. Lembra-me que te amo e te amei muito. Esta memória apaga aquela ira; esqueço-me da ofensa e te perdoo o delito.

SEMIRAMIS: Oh, meu rei, oh, meu esposo, agora mais que nunca, soubeste triunfar!

REI: A vós, Idaspe, já que tanto vos agrada o meu sangue, eu vos entrego o reino; esta é a minha vingança.

IDASPE: Agora só a mim soubeste vencer.

NINO: Já que sois tão generoso, oh, pai, com o vosso inimigo, deixai que eu também o seja com o meu competidor: a mão de Rosaura, vossa filha, por esta de Zumira, se dê a Idaspe.

REI: Não lha quero negar, se ele a chega a querer.

IDASPE: Mais que o meu trono estimo esposa tão nobre.

Sai de uma parte FANECA e da outra VESUGO.

VESUGO: Estimo que hoje seja dia de desposórios, que tenho de pedir uma mercê.

REI: Qual é?

VESUGO: Queria que estes dois peixes se ajuntassem na cela da desposação. [33v]

REI: Não te entendo...

VESUGO: Queria ajuntar a mão deste Vesugo com a barbatana daquela Faneca, a modo de quem casava.

REI: Eu por mim to dispenso.

VESUGO: Vossa majestade, muitos anos por este mal que me faz.

FANECA: Pois, se não quer, saudades!

VESUGO: Cala-te aí, tola, que isto é zombaria.

REI: Ultimamente, a vós, bela Zumira, por cumprir o juramento que dei a vosso pai, se quereis por esposo a Nino, aqui o tendes. Já sois rainha dos Bactros, este é o vosso sólio.

ZUMIRA: Sigo o destino dos astros. Aceito a mão de Nino, com toda a alma.

CORO: Vivam felizes
no régio trono!
Assista Himeneu
a tais desposórios!

FIM